

# GRAÇA, SALVAÇÃO E TEOLOGIA DA SUSTENTABILIDADE COMO TEMA DA TEOLOGIA WESLEYANA: DISCUSSÕES, ACENTOS E CONTRIBUIÇÕES

## *GRACE, SALVATION AND THEOLOGY OF SUSTAINABILITY AS THE THEME OF WESLEYAN THEOLOGY: DISCUSSIONS, ACCENTS AND CONTRIBUTIONS*

*Helmut Renders\**

### **Resumo**

O artigo apresenta e discute as contribuições da teologia wesleyana para a discussão teológica da sustentabilidade. Ele relaciona os três ambientes da sustentabilidade: economia, sociedade e meio ambiente. Com os discursos teológicos sobre a trindade econômica, a ecumene e a ecologia, propõe interpretar a terra “gaia” como sacramento e explora uma característica do método da teologia wesleyana brasileira: a inclusão do elemento da criação no chamado quadrilátero brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia da sustentabilidade. Criação. Sacramento. Gaia. Quadrilátero wesleyano brasileiro. Teologia wesleyana.

### **Abstract**

*This paper presents and discusses the contributions from Wesleyan theology to the theological discussion of sustainability. He lists the three spheres of sustainability (economic, social and environment) with the theological discourse on the economic Trinity, the ecumene and ecology, proposes to interpret the Earth “Gaia” as a sacrament and exploits a feature of Brazilian method Wesleyan theology, the inclusion of creation as a fifth element in the so-called quadrilateral Brazil*

**KEYWORDS:** *Theology of sustainability. Creation. Sacrament. Gaia. Wesleyan quadrilateral Brazil. Wesleyan theology.*

\* Professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: <helmut.renders@metodista.br>.

## Introdução

Neste breve ensaio, queremos pontuar um tema do futuro da humanidade como tema do futuro da tradição wesleyana<sup>1</sup> na América Latina. Discutiremos a sustentabilidade como assunto da sobrevivência. Não nos referimos à sobrevivência da criação. Esta sobrevivia à humanidade, tanto que seríamos absolutamente incompetentes para exterminamo-nos a nós mesmos. Mas, mesmo que o extermínio da humanidade não seja provável, o aumento do sofrimento até a perda de qualquer esperança de transformações para o melhor para milhares e milhões de pessoas – e para toda criação – representa hoje em dia um cenário possível. As nossas decisões em relação ao tema da sustentabilidade, tomadas hoje, terão seu impacto amanhã e depois de amanhã, para muitas gerações futuras.

Apesar da grandeza do desafio, trata-se de um primeiro esboço nosso sobre teologia da sustentabilidade wesleyana. Esta concentração tem diversas razões. Primeiro é nosso ponto de partida para o desenvolvimento do tema e serve, por causa disso, como uma espécie de um primeiro levantamento das contribuições já feitas por teólogos/as wesleyanos/as. Segundo, queremos apresentar estes/as interlocutores/as a um público maior. Terceiro, acreditamos que a tradição wesleyana, especialmente quando ela integra as suas raízes anglicanas, tem algo a oferecer a este debate. Quarto, vemos um potencial específico na teologia wesleyana brasileira pela sua integração da criação no seu método teológico chamado quadrilátero. Quinto, fazemos este discurso numa universidade comunitária e confessional que estabelece com objetivo maior a promoção do bem comum, da sua identidade confessional e da sustentabilidade. Ou seja, a relação entre confessionalidade e sustentabilidade precisa ser discutida.

Isso nos leva a um segundo comentário. Os/As teólogos/as wesleyanos/as, em seguida apresentados/as, jamais estabelecem um

---

<sup>1</sup> Designamos como teologia wesleyana a teologia daquelas igrejas que se entendem como herdeiras da práxis e da teologia de John Wesley (1703-1791), sacerdote anglicano e *spiritus rector* do movimento metodista. No Brasil atuam, principalmente, a Igreja Metodista, uma igreja autônoma ou nacional, resultante da missão do metodismo episcopal, a Igreja do Nazareno (uma igreja do movimento da santificação) e a Igreja Metodista livre, todas do metodismo estadunidense. Dessas se separaram já no Brasil alguns e formaram igrejas metodistas pentecostais. A principal delas é a Igreja Metodista Wesleyana (desde 1967).

discurso isolado, mas, se entendem como uma voz no coral da teologia cristã, ou como John Wesley disse, um galo no tronco da igreja cristã. E acreditamos que seja ainda mais: a teologia wesleyana é aberta para apresentar a teologia como um saber em conversa com os outros saberes presentes no cotidiano, na sociedade, na igreja e na academia.<sup>2</sup> Não há dúvida de que a dimensão do desafio que o discurso da sustentabilidade representa requer da teologia o melhor que ela possa oferecer, e um denominacionalismo desinteressado ou um departamentalismo autossuficiente, certamente, não fariam parte disso.

## 1 O tema da ecologia, eco-teologia e da sustentabilidade na teologia metodista

### 1.1 Os pioneiros: Frederick Elder e John Cobb Jr.

O tema da sustentabilidade e assuntos relacionados não são novos na teologia wesleyana. Uma das primeiras vozes metodistas foi Elder<sup>3</sup> e seu livro *Crise em Éden: o ser humano e o meio ambiente*. Elder levanta perguntas básicas e questiona as atitudes antropocêntricas da teologia. Já a teologia ecológica<sup>4</sup> de Cobb Jr. (*Será que é tarde demais? Uma teologia ecológica*)<sup>5</sup> é hoje considerada, ao lado dos textos de

---

<sup>2</sup> Isso é um projeto de longo prazo, vinculado com a autonomia da Igreja Metodista no Brasil. Concordamos com Clovis Pinto de Castro que a declaração *A Atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o mundo e a nação* de 1934 (!) pressupõe também “[...] especialmente em nível superior [...] a parceria Igreja e Escolas na capacitação de pessoas para análises sociais à luz das ciências” (CASTRO, Clovis Pinto de. “Igreja evangelizando a Escola? Escola educando a Igreja?” In: *Revista de Educação do Cogeime*, ano 14, n. 27, p. 76, dez. 2005; quanto à declaração cf. BRASIL, Igreja Metodista do; RENDERS, Helmut. Um precursor do Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista na época da autonomia: a declaração A Atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação de 1934. In: *Caminhando (online)*, vol. 12, n. 2, p. 167-176, 2007).

<sup>3</sup> ELDER, Frederick. *Crisis in Eden: a religious study of man and environment*. Nashville: Abingdon, 1970.

<sup>4</sup> Distinta desta questão existe ainda uma teologia da terra no sentido político do *habitat* de um povo que seguia a criação do estado judeu depois da II Guerra Mundial. Muitos conceitos como o deserto e o mar como espaços demoníacos e a terra cultivada de Canaã como espaço sagrado tem uma proximidade com temas ecológicos, mas com uma origem muito diferente (cf. SMITH, Jonathan Z. “Earth and Gods.” In: *The Journal of Religion*, vol. 49, n. 2, p. 103-127, abr. 1969).

<sup>5</sup> COBB Jr., John B. *Is it too late? A theology of ecology*. Beverly Hills, Cal.: Bruce, 1972.

Jürgen Moltmann, um clássico da teologia ecológica.<sup>6</sup> Como teólogo de processo, Cobb parte da ideia da criação como sistema aberto, inacabado, em desenvolvimento. Já na época, apareceram na discussão as posições do igualitarismo ecológico ou de um papel específico reservado para o ser humano nos processos da criação contínua e Cobb opta pela segunda possibilidade. De fato, um igualitarismo ecológico levanta problemas éticos sérios por não oferecer critérios suficientes. Como se justificaria, por exemplo, a aplicação de penicilina no caso de uma pneumonia, ou seja, salvar um organismo para combater outro, na base da compreensão que todos seres são “iguais”?<sup>7</sup> Por outro lado, criticaram os representantes do ecoigualitarismo (também designado como ecologia profunda) o modelo do ser humano como ecônomo [*stewardship*] considerado ainda preso dentro dos parâmetros do antropocentrismo.<sup>8-9</sup> Ambas perspectivas merecem, segundo a nossa impressão, consideração e precisam ser integradas num projeto da sobrevivência de todos/as.

## 1.2 *No início do debate da sustentabilidade propriamente dita: Douglas Meeks*

Quando Meeks escreveu *A economia existe para o bem da comunidade humana e sua relação para com Deus e a criação*,<sup>10</sup> ele ainda não usou o termo sustentabilidade ou seu antecessor desenvolvimento sustentável como termo integrador. Sua reflexão propõe uma análise criteriosa da economia a partir das suas bases teológicas, mais precisamente, da compreensão e projeção de modelos econômicos a

<sup>6</sup> KAUFMAN, Gordon D. “A problem for theology: the concept of nature”. In: *Harvard Theological Review*, v. 65, p. 338, 1972 e FRENCH, William C. “Subject-centered and creation-centered paradigms in recent Catholic thought.” In: *The Journal of Religion*, v. 70, n. 1, p. 61, jan. 1990.

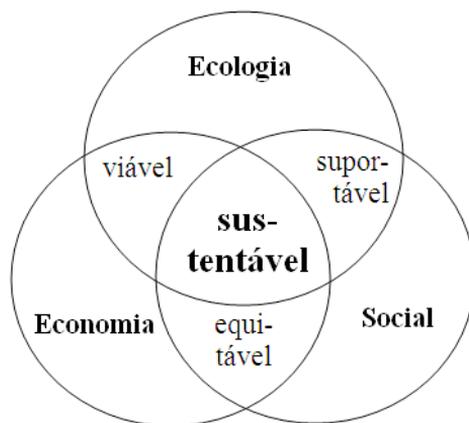
<sup>7</sup> FRENCH, William C. “Subject-centered and creation-centered paradigms in recent Catholic thought.” In: *The Journal of Religion*, v. 70, n. 1, p. 70, jan. 1990.

<sup>8</sup> NAESS, Arne. “The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary.” In: *Inquiry*, v. 16, p. 95-100, primavera 1973.

<sup>9</sup> Passos concretos como a aplicação de indicadores de sustentabilidade confere, por exemplo, HAUGHTON, G. “Environmental justice and the sustainable city”. In: *Journal of Planning Education and Research*, v. 18, n. 3, p. 233-243, 1999 ou o mapeamento verde – que “identifica, promove e relaciona elementos à herança natural e cultural de uma localidade particular” por FAHY, Frances e Ó CINNÉIDE, Micheál. “Re-constructing the urban landscape through community mapping: an attractive prospect for sustainability?” In: *Area*, v. 41, n. 2, p. 168, 2009.

<sup>10</sup> MEEKS, M. Douglas. *God the economist: the doctrine of god and political economy*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 8-9.

partir das respectivas doutrinas de Deus e dos seus idealizadores. Meeks desenvolve a sua *oikos*-teologia do nosso *habitat* ou *oikos*, distinguindo entre a *economia*, a *ecumene* e o *ecossistema*.



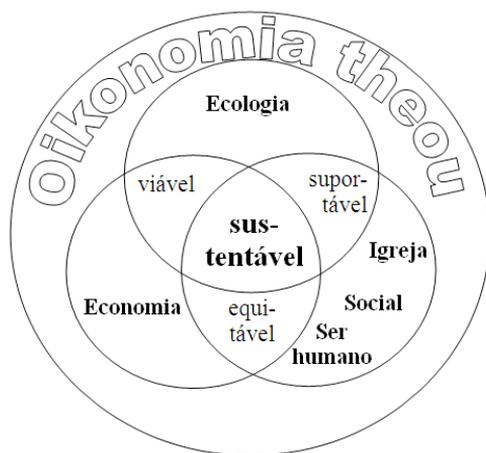
Comparamos estes três elementos com uma primeira representação gráfica da sustentabilidade da Universidade de Michigan. A *economia* corresponde, num primeiro olhar, à esfera econômica; a *ecumene*, à esfera social; e o *ecossistema*, à esfera do *habitat* como um todo.<sup>11</sup> A relação entre as esferas do econômico, social e a ecoesfera no gráfico superior é vista de forma interdependente e igualitária.<sup>12</sup> Meeks sugere, ao lado das três esferas do econômico, social e do ecoesfera, mais duas perspectivas essencialmente “teológicas”.

Primeiro, a relação entre a humanidade e a criação ganha seu sentido por meio da relação das duas para com Deus; de Deus para com as duas; e de Deus por meio das duas. Segundo, Meeks introduz ainda a **igreja**

<sup>11</sup> Alguns autores falam também da política como um quarto elemento dinamizante e regulador, partindo do pressuposto de que a esfera econômica, social e o meio ambiente não sejam sistemas “autorreguladores entre si”.

<sup>12</sup> Na práxis há mais desdobramentos. Na gestão sustentável de cidades, consideram-se os seguintes indicadores: futuridade (a equidade intergeracional); justiça social (equidade intrageracional); responsabilidade além dos limites do município (equidade geográfica); Tratamento aberto e justo de pessoas (equidade processual [jurídica]); Consideração da biodiversidade (equidade interespecies) (Cf. HAUGHTON, G. “Environmental justice and the sustainable city”. In: *Journal of Planning Education and Research*, v. 18, n. 3, p. 233-243, 1999).

como *oikonomia theou*, ou seja, *Heilsanstalt*, instituição que está pronta para promover a salvação.<sup>13</sup> Com outras palavras, Meeks descreve a igreja como sacramento ou meio da graça e destaca a sua responsabilidade para com a economia que rege o planeta a partir da proclamação da revelação de Deus como Deus trino, relacional, responsável, libertador, sustentador e solidário. Compreensão que, por sua vez, está próxima à *oikonomia theou* no sentido clássico da Trindade econômica (o Deus trino em relação salvífica para com tudo mundo). Nesta perspectiva, a discussão da sustentabilidade como um todo acontece dentro do quadro *oikonomia theou* aqui simbolizado como círculo maior, ou seja, nos poderíamos perguntar como a esfera social, econômica e ecológica deveriam ser organizadas a partir, por exemplo, da compreensão da incondicionalidade da justiça e da universalidade da graça. Dentro da esfera do social, colocamos ainda a Igreja como instituição, atuando como *oikonomia theou* ou sacramento, meio e promotora da graça no mundo. Relacionada com isso está a compreensão do ser humano como *oikonomos theou*.<sup>14</sup> No metodismo, originalmente, chamavam-se os responsáveis para as doações aos pobres “ecônomos”; mais tarde e no caso do metodismo brasileiro, até a década de 1960, era essa a



<sup>13</sup> Anstalt [substantivo]; *Veranstaltung*: evento organizado; *anstellen* [verbo]: ligar.

<sup>14</sup> Biblicamente, esta metáfora está próxima a ideia do ser humano como jardineiro (*Gn 3*).

designação de todos/as leigos/as com uma função administrativa, cuidando da economia da casa eclesial. Mais adiante, iremos retomar esta contribuição e refletir mais o papel da igreja na reforma da sociedade em direção a uma sociedade sustentável, começando consigo mesma e o efeito de tudo isso sobre ela mesma.

### 1.3 *Theodore Runyon*

Runyon parte também da relação entre Deus, o ser humano e o mundo:

Deus nos dá três inter-relações que são fundamentais para a existência humana: primeiro, a nossa relação com a terra que fornece nossa base material e a fonte que continua a satisfazer nossas necessidades materiais; segundo a nossa relação como mordomos da terra que nos liga de uma maneira especial ao Pai, porque temos a nossa vocação de continuar a responsabilidade perante o criador; em terceiro lugar definem estas relações com Deus e a criação as nossas relações com nós mesmos e com todas as outras criaturas. Ganhamos uma identidade corresponsável que responde tanto ao nosso próprio tempo como às gerações futuras.<sup>15</sup>

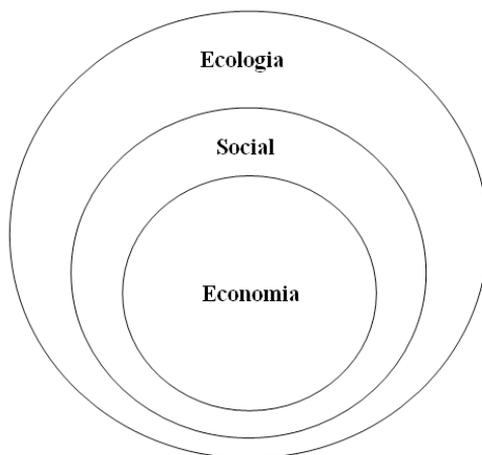
Em Runyon, a terra é a provedora da base material que atende as necessidades materiais humanas, e os seres humanos são ecônomos da terra – não da humanidade, nem da igreja – em resposta contínua ao criador. Segundo Runyon, é por meio dessa dupla relação para com Deus e para com a criação que o ser humano recebe a sua relação para consigo e para com todas as criaturas “irmãs”. Uma relação cuja identidade novamente é uma relação: a responsabilidade mútua diante da contemporaneidade e os nossos tempos e futuras gerações. Com isso ele integra a ética de responsabilidade (diante das futuras gerações) de Jonas.<sup>16</sup> Esta proposta de uma teologia relacional ele desenvolve como parte da sua compreensão do papel da humanidade no processo da formação da nova criação, segundo ele, conceito central da teologia wesleyana desde John Wesley.<sup>17</sup> Novamente, transparece uma dupla “referência maior”: a terra e Deus, e como a terra nos relaciona com

<sup>15</sup> RUNYON, Theodore. “The earth as the original sacrament”. In: *Theologie für die Praxis*, v. 31, n. 1-2, p. 20, 2006.

<sup>16</sup> JONAS, Hans. *Das Prinzip Verantwortung*. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation. 4. ed. Frankfurt am Main : Insel-Verlag 1983. [1. ed. 1979].

<sup>17</sup> Cf. RUNYON, Theodore. *A nova criação: teologia de João Wesley hoje*. Tradução de Cristina Paixão Lopes. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

o criador, a **terra se torna sacramento original**, meio da graça.<sup>18</sup> Aparecem, novamente, o *ecossistema*, a *ecumene* e a *economia* – aqui no sentido mais amplo como relacionalidade mútua que sustenta a vida em todas as suas dimensões do *oikos*.



Tanto Meeks como Runyon representam uma evolução do próprio pensamento na compreensão do desenvolvimento sustentável: em vez de atribuir às três esferas da economia, da sociedade e do ecossistema a mesma importância, chega-se à conclusão de que as relações entre os três deveriam ser vistas de tal modo que a(s) economia(s) seja(m) subordinada(s) à(s) sociedade(s) e a(s) sociedade(s) ao ecossistema. Isso corresponde a algumas críticas dos próprios cientistas da sustentabilidade e chama-se *nested sustainability*, o que poderíamos talvez traduzir como sustentabilidade integrada.

#### **1.4 Do Credo Social “industrial” de 1908 ao Credo “sustentável” de 2007**

Não podemos deixar comentada uma releitura importante da tradição wesleyana que se tornou, já no ano da sua criação, em 1908,

<sup>18</sup> RUNYON, Theodore. “The earth as the original sacrament”. In: *Theologie für die Praxis*, v. 31, n. 1-2, p. 17-22, 2006.

uma afirmação social e ecumênica: o Credo Social da Igreja Metodista, depois com leves mudanças, o Credo Social da Federação das Igrejas Cristãs dos EUA. Não cabe contar a sua história aqui, somente documentamos que, no centenário da sua existência, ele ganhou uma perspectiva sustentável. Citamos somente da sua penúltima parte:

Na esperança sustentada pelo Espírito Santo, comprometemo-nos em promover a paz no mundo e sermos guardiões da boa criação de Deus, trabalhando para:

- Adoção de estilos de vida mais simples para quem possui o suficiente; onde a graça é mais importante que a ganância na vida econômica.
- Acesso para todos/as ao ar limpo, água e alimentos saudáveis, através de cuidados sábios para com a terra e tecnologias responsáveis.
- Uso sustentável dos recursos da terra, promovendo fontes de energia alternativas e transporte público com convênios engajados em reduzir o aquecimento global e proteger as populações mais afetadas.
- Comércio global justo e os auxílios que protejam as economias locais, culturas e meios de subsistência.
- Promoção de paz pela diplomacia multilateral ao invés da força unilateral; a abolição da tortura e o fortalecimento da Organização das Nações Unidas e o incremento das leis internacionais.
- Desarmamento nuclear e redirecionamento dos gastos militares para fins mais pacíficos e produtivos.
- Cooperação e diálogo pela paz e a justiça ambiental entre as religiões do mundo.<sup>19</sup>

Entretanto, desde 1934, a Igreja Metodista do Brasil contextualizou o Credo Social e a última revisão aconteceu em 1970. Na época, este Credo Social representava uma marca na história da teologia pública e ética social, inclusive, na luta contra a ditadura militar; entretanto, quanto ao tema da sustentabilidade, em grande parte somente numa perspectiva

---

<sup>19</sup> NACIONAL COUNCIL OF CHRISTIAN CHURCHES, EUA; RENDERS, Helmut. “Um Credo Social para o século XXI: a mais recente versão do Credo Social estadunidense como inspiração para a atualização do Credo Social brasileiro”. *Caminhando (online)*, v. 15, p. 179, mar. 2010. A tradução do Credo para o português foi feita por Helmut Renders, Hideide Torres, James Reaves Farris e Lóide Barbosa Farris.

antropocêntrica.<sup>20</sup> Uma releitura, na perspectiva da sustentabilidade, é necessária. Melhor ainda seria um Credo Social sustentável, assumido por mais do que uma igreja.

## 2 Excurso: Terra como “gaia” – afirmação teológica e compreensão sistêmica e funcional

A compreensão da terra como sacramento providencia, em nossa opinião, uma feliz forma de relacionar e, no mesmo momento, de distinguir criador, criação e criatura.

Comparamos este ideal com as duas ou três possíveis alternativas: a divinização, a diabolização ou a materialização da criação. Parece-nos que a descrição da terra como “gaia”, originalmente proposta por Lovelock, é teologicamente ambígua.<sup>21</sup> Por um lado, concordamos com a visão da terra como organismo “vivo”, no sentido autorregular e interdependente, um sistema no qual toda humanidade é integrada e do qual, separado, qualquer ser vivo morreria. Por outro lado, designa-se por geia, originalmente, a deusa grega da terra. Talvez não seja por acaso que alguns discursos ecológicos se aproximam de espiritualidades que se dirigem à própria terra como divindade. A divinização da terra, talvez em busca da criação de um tabu protetor, não nos parece promissor.

Uma outra possibilidade é a descrição da terra como mãe. Esta descrição pode conter traços de divindade, mas não necessariamente. Assim afirma Reimers: “As atribuições de domínio dos humanos na criação (*Gn* 1, 28) devem ser relativadas em favor de uma leitura que destaca a tarefa de *trabalho e cuidado* na criação (*Gn* 2,15), bem como a relação intrínseca entre o ser humano (*adam*) com a mãe-terra (*adamah*)”.<sup>22</sup> Segundo o nosso entendimento, o barro, como mãe-terra, é

<sup>20</sup> Cf. RENDERS, Helmut. “75 anos do Credo Social brasileiro: uma investigação da interação entre igreja e esfera pública”. In: *Simpósio*, ano 33, n. 49, p. 43-65, nov. 2009.

<sup>21</sup> LOVELOCK, James E.; MARGULIS, Lynn. “Atmospheric homeostasis by and for the biosphere - The Gaia hypothesis”. In: *Tellus*, v. 26, n. 1, p. 2-10, 1974. A ideia da interdependência orgânica da toda biosfera – não a metáfora “gaia” – foi primeiro formulado em 1927 pelo russo Vladimir Vernadsky (1863-1945).

<sup>22</sup> REIMERS, Haraldo. Sustentabilidade e cuidado. Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica In: *Ciberteologia* - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 18, p. 189, [2009?]. Cf. também RUETHER, Rosemary Radford. “Religious identity and openness to a pluralistic world: a Christian view.” In: *Buddhist-Christian Studies*, vol. 25, p. 29-40, 2005. Para ela a espiritualidade da renovação da natureza judaica é uma ao lado da espiritualidade profético

certamente mais uma percepção dos povos antigos e não necessariamente uma identificação da terra com uma divindade. Da mesma forma aponta Susin: A terra

[...] é nossa grande mãe comum, pachamama, portanto somos realmente filhos da Terra, sustentados por seu seio.

Então, nossa relação, mais do que de domínio, é de entrega, de nutrição e descanso, como a de um filho nos braços de sua mãe. É uma lição cultural de sustentabilidade: estar junto às demais formas de vida e com a mãe Terra, mais do que ser agigantando-se em detrimento de outros e da terra. Crescer não significa passar da infância do estar à autonomia soberana do ser em detrimento da relação originária de filhos em relação à mãe Terra. Crescer é acrescentar a responsabilidade filial e adulta por ela.<sup>23</sup>

Este conceito aproxima-se também ao sentido da própria palavra “natureza”, em latim: nascimento, parente.<sup>24</sup> Já a proposta do autor de superar a redução da unidade de Deus a uma unidade ontológica pela introdução de um quarto elemento, ou da própria Mãe Terra, ou a Maria, parece-nos um passo além dessa relacionalidade que deve caracterizar a teologia contemporânea, partindo de discursos relacionais e não substanciais. O próprio Susin, depois de uma breve cogitação, volta aos termos mais clássicos:

---

a e da espiritualidade contemplativa, entretanto, ela favorece uma combinação das últimas duas. Nós, partindo de Søren Aabye Kierkegaard, favorecemos uma combinação entre os três aspectos da mística, ética e estética (Cf. RENDERS, Helmut. RENDERS, H.. O Plano para a Vida e a Missão e sua espiritualidade correspondente: um novo olhar numa questão essencial. In: *Caminhando (online)*, Brasil, v. 12, n. 2, p. 85-104, jan.-jun. 2007).

<sup>23</sup> SUSIN, Luiz Carlos. Mãe Terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano 2, n. 17, p. 45, maio/jun. 2008.

<sup>24</sup> KAUFMAN, Gordon D. “A problem for theology: the concept of nature”. In: *Harvard Theological Review*, v. 65, p. 340, 1972, lista 10 relevantes compreensões de natureza para a teologia: “O contraste entre o natural e o artificial; o contraste entre natureza e graça; a alegação de que certos tipos de comportamento, sejam naturais e, portanto, errados; a alegação de que a liberdade é a verdadeira natureza do ser humano; a visão da natureza como a totalidade, tudo o que existe, o universo; a noção de um filho “natural” e a noção de Paulo do “ser humano natural”; as ciências naturais em oposição às ciências sociais ou comportamentais; a natureza (como a totalidade dos não humanos) em contraste com a história ou cultura; o contraste entre a teologia natural e a teologia como revelação e a religião natural ou revelada”.

Reconhecer que somos sustentados e que somos chamados a sustentar quem nos sustenta, assimetria e irreciprocidade confiante na experiência de que desde a Mãe Terra recebemos dons irreciprocamente, é um bom começo. Alteridade e autonomia, face a face e reciprocidade, maternidade sustentadora e irrecíproca se reclamam numa dialética tripolar contínua não só em termos da Divina Trindade, mas de humanidade e, nesta época da história de Deus e da criação, de toda criaturalidade.<sup>25</sup>

Estes termos parecem-nos mais adequados, justamente, por garantir a relacionalidade e, no mesmo momento, alteridade entre criador, criação e criatura. Na direção da relacionalidade, vão também Andrade e Ferreira que se referem à proposta de Michael Serres de um “contrato natural”:<sup>26</sup>

O caráter inovador e revolucionário do contrato natural provém da adoção do princípio da reciprocidade para reger a relação homem e natureza, representado pelo comportamento de simbiose. Neste sentido, o homem seria levado a substituir o modelo de comportamento de parasita que adotou como forma habitual, para assumir um comportamento de simbiose com a natureza, que significaria restituir a ela aquilo a que tomou de empréstimo.<sup>27</sup>

Numa direção parecida, confirma Kaufman: “Não existe um caminho do retorno à natureza para o ser humano; há somente a esperança de um possível progresso na direção de uma mais profunda e sensível liberdade”.<sup>28</sup> Retornamos a uma das sugestões de Runyon. A proposta da compreensão da natureza como sacramento distingue-se também da introdução do “sagrado selvagem” – conceito emprestado de Bastide que ele mesmo avalia como uma “criação pura e não repetição – situa-se no domínio do imaginário, não no da memória [...]”.<sup>29</sup> Não um antropocentrismo nem um anti-humanismo – o naturezacentrismo –,

<sup>25</sup> SUSIN, Luiz Carlos. Mãe Terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*, ano 2, n. 17, p. 47, maio/jun. 2008.

<sup>26</sup> SERRES, M. *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

<sup>27</sup> ANDRADE, Maristela O.; FERREIRA, Rogério dos Santos. “A sacralidade da natureza no pensamento ecológico: reflexos na gestão das unidades de conservação – UCs1”. In: *Gaia Scientia*, v. 1, n. 1, p. 89, 2007.

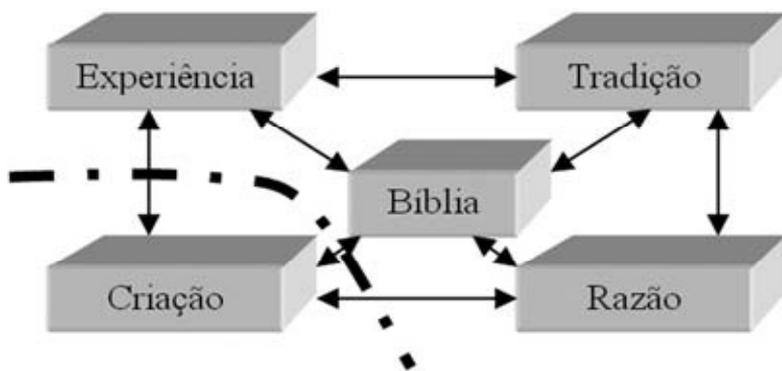
<sup>28</sup> KAUFMAN, Gordon D. “A problem for theology: the concept of nature”. In: *Harvard Theological Review*, v. 65, p. 364, 1972.

<sup>29</sup> ANDRADE, Maristela O.; FERREIRA, Rogério dos Santos. “A sacralidade da natureza no pensamento ecológico: reflexos na gestão das unidades de conservação”. In: *Gaia Scientia*, v. 1, n. 1, p. 85-94, 2007.

mas uma relacionalidade multicêntrica com a responsabilidade humana para o todo, inclusive o “[...] reconhecimento ético do direito dos seres classificados como inanimados[...]”<sup>30</sup> parece-nos o modelo mais adequado.<sup>31</sup>

### 3 O método teológico wesleyano brasileiro: o quadrilátero e a criação

Neste ponto, gostaríamos de fazer referência aos nossos colegas brasileiros dos estudos wesleyanos. Apesar de que Burtner / Chiles e Klaiber / Marquardt – e, de fato, todos/as os/as teólogos/as “clássicos/as” – tratem da criação como tema da teologia, foi no Brasil que isso se tornou parte do método principal de fazer teologia wesleyana. Supostamente, a partir do fim da década de 1970, início da década 1980, falava-se no Brasil de um quinto elemento do quadrilátero<sup>32</sup> wesleyano: ao lado dos elementos Bíblia, Tradição, Razão e Experiência, contemplava-se também da Criação.



Agora, estranhamente, encontramos poucas especificações do significado disso para o caminhar no cotidiano. Em geral foi interpretado

<sup>30</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>31</sup> French propõe a releitura da teologia tomista e “[...] a perspective do século XIII da criação da comunidade dos seres vivos e compara-a com a perspectiva ecológica contemporânea” (FRENCH, William C. “Subject-centered and creation-centered paradigms in recent Catholic thought.” In: *The Journal of Religion*, v. 70, n. 1, p. 71, jan. 1990).

<sup>32</sup> O quadrilátero da UMC, depois das modificações de 1988, é de fato um triângulo.

como teologia ecológica<sup>33</sup> ou como uma porta aberta para uma teologia natural. Gostaria de, então, sugerir implicações adicionais, sempre lembrando que se trata do sentido mais específico do método da interpretação da narrativa fundadora da Igreja. O que nos oferece, então, a inclusão da criação na proposta metodológica além das perspectivas já mencionadas?

- Primeiro, com a inclusão da criação, ***não se pode mais ler a Bíblia de forma antropocêntrica***, centrada somente no ser humano, como se os acentos na experiência [humana], na tradição [humana] e na razão [humana] pudessem ser os nossos únicos critérios;
- Segundo ***ajuda superar também uma leitura androcêntrica da Bíblia*** e abre o caminho para uma discussão de gênero mais abrangente, porque somos criação de Deus somente como mulheres e homens em conjunto, crianças e adultos em conjunto e assim por adiante;
- Terceiro, a leitura da Bíblia na perspectiva da criação ***deve ser feita com referência à corporeidade***, não somente à mente [razão]. A coerência ou verdade das interpretações se mostra nos caminhos da vida.



Foto do autor

Casal dançando tango numa Igreja Metodista em Buenos Aires, Argentina.

<sup>33</sup> SOUZA, José Carlos de. “Criação, nova criação e o método teológico na perspectiva wesleyana”. In: CASTRO, Clovis Pinto de (org.). Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica da Igreja. São Bernardo do Campo, SP: Editora da Umesp/Editeo, 2003, p. 67-88.

A busca da mera coerência racional ou lógica com a tradição e sua interpretação dogmática não representa uma hermenêutica wesleyana em sua plenitude. Nesse aspecto, o acento da criação acompanha o acento da experiência [humana], mas desdobra este acento à existência de toda a criação. As experiências, os sofrimentos e as alegrias de toda a criação precisam ser consultados e contemplados em nossas leituras bíblicas e, na verdade, a própria Bíblia nos lembra disso quando palmeiras e montes batem palmas etc. Sugerimos, por exemplo, abandonar a tradução da palavra “soul” por “alma”. Tampouco como SOS significa “salva nossas almas”, o ministério metodista é salvar almas, é salvar vidas. A proposta metodológica brasileira tem então, segundo a nossa impressão, um grande potencial para interagir com uma teologia da sustentabilidade.

#### 4 Sustentabilidade e eco-teologia

Retornamos ao nosso fio temático central, uma investigação teológica do conceito da sustentabilidade e sua contribuição para a teologia. Às vezes, relaciona-se o discurso da teologia da sustentabilidade diretamente à imagem do *oikos*, da terra-casa. A anglicana Anne M. Clifford, no seu artigo “Do lamento ecológico para um *oikos* sustentável”, afirma: “[...] uma teologia cristã ecológica da sustentabilidade nos fornece uma ‘visão do mundo’ que estende os domínios da justiça para toda a criação”.<sup>34</sup> *Oikos* é aqui o *habitat*, parecido ao conceito de “ecumene”, no sentido original, terra habitada, e descreve o limite da extensão da ação e preocupação ou responsabilidade cristã. A proposta da teologia da sustentabilidade, entretanto, quanto à teologia do *oikos*, ou ecoteologia, é mais rica.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> CLIFFORD, Anne M. “From ecological lament to sustainable *oikos*”. In: BERRY, Sam (ed.). *Environmental stewardship critical perspectives - past and present*. London / New York: T & T Clark (Continuum International), 2006, p. 252.

<sup>35</sup> Cf. também a importância dada à questão da sustentabilidade nas publicações do Conselho Mundial das Igrejas a partir da década de noventa (WCC (ed.), *Climate Change and the quest for Sustainable Societies*, Geneva: WCC, 1998; WCC (ed.), *Mobility. Prospects of sustainable mobility*. Geneva: WCC, 1998; WCC (ed.), *Sustainable growth - a contradiction in terms? Economy, ecology and ethics after the earth summit*. Geneva: WCC, 1993; sobre o assunto da sustentabilidade. Um dos editores é o metodista uruguaio Julio de Santa Ana: *Sustainability and Globalization*: World Council of Churches. Geneva: WCC Publications, 1998. 146p. E muitas igrejas criaram comissões permanentes ou se envolvem com a agenda 21).

Num primeiro momento, o conceito nos desafia a relacionar os diversos aspectos da ecoteologia.<sup>36</sup> Neste texto são relacionadas as três esferas “economia”, “sociedade” e “eco-sistema” com a “economia”, a “ecumene” e a “ecologia”, na perspectiva teológica, e como aspectos entrelaçados. Antes, entretanto, fazemos algumas afirmações em relação à *oikonomia tou theou*, aqui primeiro interpretada como ação salvífica do Deus trino, em toda criação.

#### 4.1 Ponderações em relação à doutrina de Deus

Deus, segundo a teologia wesleyana, é criativo, inovador, gracioso e tem compaixão. Por isso afirma-se como atributo maior de Deus o seu amor incondicional que corresponde à graça universal. O Deus trino é amor em si, mas não mantém este amor para si: ele transborda no ato da criação e nos atos da salvação com nova criação. Encontros com Deus vivificam, convertem e capacitam. Eles libertam, justificam, orientam, responsabilizam, solidarizam e santificam. Novos caminhos são possíveis. A teologia wesleyana afirma a ação antecipadora, sustentadora e renovadora de Deus em toda a sua criação. Essas convicções se expressam numa forma específica de compreender a vida do ser humano, a vida no mundo inteiro e a vida além dos parâmetros da história. Nesta concepção, Cristo, além de ser rei, sacerdote e juiz, também é o grande médico. Nesta compreensão, o Espírito Santo é o grande facilitador e capacitador da resposta humana à ação divina. Tudo isso converge para a tradição cristã, para a compreensão da economia de Deus como a sua ação salvadora, sustentadora, libertadora, a renovadora e transformadora com Pai, Filho e Espírito Santo. Ela parte da obra renovadora divina e pode ser vista como uma renovação das condições da vida estabelecidas pelos seres humanos em meio à criação. Diríamos, em diálogo com Willis Jenkins,<sup>37</sup> que o impacto da *oikonomia tou theou*, nas três esferas, introduz o dever de estabelecer “ecologias da graça” e, além disso, “economias da graça” e um “ecumenismo da graça”. Dessa forma, contribuiria para o discurso da sustentabilidade o aspecto da graça divina, do amor incondicional, da graça universal e da justiça incontestada.

<sup>36</sup> RENDERS, Helmut. A nova criação como tema transversal da teologia wesleyana. *Guia de Estudo do EAD*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2009, p. 75-78.

<sup>37</sup> JENKINS, Willis (ed.). “Global ethics, Christian theology, and sustainability”. In: *Worldviews: Global Religions, Culture, and Ecology* v. 12, n. 2-3, p. 197-217, 2008; JENKINS, Willis (ed.). *The encyclopedia of sustainability*, v. 2 [*The Spirit of Sustainability: Religion, Ethics, and Philosophy*], Berkshire Publishers, 2009.

## 4.2 Ponderações antropológicas

O ser humano é visto, na teologia wesleyana, como capaz de responder à ação e à presença divina na criação. Isso é descrito, às vezes, como “sinergia” (do grego “colaboração”) entre Deus e o ser humano no caminho da salvação. “Sinergia”, entretanto, jamais é compreendida como uma colaboração entre Deus e os seres humanos de igual para igual (“sinergismo”). Isso já mostra a grande apreciação da teologia da aliança na teologia wesleyana: a ideia da aliança entre Deus e o ser humano não projeta um ser humano meramente passivo e um Deus exclusivamente ativo. Entretanto, numa aliança, os aliados podem ter papéis muito diferentes. Isso depende da aliança. O modelo da aliança pode ser também aplicado para descrever a relação entre o ser humano e a criação. Na teologia do século XIX e XX, distinguem-se diversos modelos:

- a soberania do histórico sobre a natureza (Hegel);
- a soberania humana, mesmo sendo um ano, era considerada parte da natureza (Teilhard de Chardin);
- a soberania humana como algo que vai além da natureza;<sup>38</sup>
- o histórico como parte da natureza (Whitehead).

Em discussão está o motivo transformalista da proposta centrada no sujeito como agente principal da transformação, a relação entre o *homo faber* e o *homo ecológico*. O último tem, no mesmo momento, uma clara noção de ser dependente e responsável. Esta múltipla relacionalidade poderia ser descrita por alianças ou contratos (para com Deus e o próximo, a natureza, etc.). O aspecto da desigualdade da aliança divino-humana – sempre mantida na teologia clássica – pode ser talvez também relida em relação à discussão da relação entre natureza, cultura e história, propostas criação-cêntricas e antropocêntricas ou centradas no sujeito.

Neste sentido, favorecemos o discurso do ser humano como ecônomo, no sentido amplo, teológico, que contém os elementos da graça e da responsabilidade como relacionalidade, não somente como habilidade (sujeito da história). A renovação do ser humano como *imagem de Deus* (distinguindo seu aspecto natural, político e moral) é um processo contínuo e obra da graça renovadora de Deus (graça preveniente, justificadora e santificadora). Estando em Cristo – ou

<sup>38</sup> FRENCH, William C. “Subject-centered and creation-centered paradigms in recent Catholic thought.” In: *The Journal of Religion*, v. 70, n. 1, p. 57-58, jan. 1990.

relacionado a Cristo – o ser humano é parte da nova criação (Wesley, comentando *1Co* 5, 17). Essa tradução, em vez da descrição do ser humano consciente da sua relação com Deus como “nova criatura”, supera o antropocentrismo. Ela situa o ser humano num processo maior de renovação da criação, cuja espera é ser liberto para a “gloriosa liberdade” ou para “a liberdade da glória” dos filhos e das filhas de Deus (*Rm* 8, 19-23). O ser humano, nessa perspectiva, não é renovado por/ em ou para si mesmo. A renovação é relacional, ela inicia, acontece e amadurece com ou em Deus e se reflete nas mais diversas relações com toda a criação. O ser humano como parte renovada da criação torna-se responsável para com Deus, a criação, o próximo e consigo mesmo.

### 4.3 *Ponderações soterológicas*

Dessa forma, os seres humanos renovados não podem viver a sua nova identidade cristã, este dom de Deus, e ignorar os “gemidos dos necessitados” (*Sl* 12, 5) ou de “toda a criação” (*Rm* 8, 19 e 22). Isso significaria ignorar-se a si mesmo. Faz parte dessa criação toda a humanidade, todo o mundo animal e todas as plantas. No meio dessa criação, na sua totalidade, nasce o novo, a nova criação, onde as intuições do Reino de Deus criam novas formas de relacionamentos e novas responsabilidades. Quanto à humanidade, ela é encarregada de rever as suas construções econômicas e sociais sobre a reflexão do seu impacto ao ecossistema e à biosfera. À nova criação correspondem uma nova economia, um ecumenismo renovado e uma postura ecológica inovadora.

Assim como o Deus trino “administra” os cuidados com a sua casa (*oikos*), a terra e o cosmo, o ser humano é visto como “ecônomo” (em inglês, *steward* = servo ou diácono) das graças recebidas por Deus. Essa nova economia (*oikonomia*: literalmente, as leis da casa) inclui tanto a economia de dinheiro e os negócios, como a forma da política aceita ou rejeitada. A economia do Reino de Deus favorece àqueles(as) que mais necessitam da graça e do sustento integral, questiona e rejeita formas irresponsáveis, em que o ser humano como sujeito econômico perde de vista tanto o próximo como a criação e Deus em termos mais amplos.

A ecumene (*oikoumene*: toda a terra habitada = mundo) somos todos nós, seres humanos. A criação é o *habitat* da ecumene. Dizemos que em Deus iniciou-se um processo que leva à nova criação, ao novo ecossistema, a uma forma não alienada de se relacionar mutuamente. Parte do ecossistema é a ecumene no sentido mais restrito. Para a teologia wesleyana, fazer parte da ecumene de forma renovada leva

a uma atitude ecumênica como maneira nova de se relacionar com os outros seres humanos e suas instituições. Esta atitude inovadora procura a aproximação onde se mantém distância do outro (compare Jesus com os fariseus em relação aos(às) “pecadores(as)”, ou se promove a segregação ou o *apartheid*. Em última instância, quando e até quanto possível, procura-se estabelecer a unidade onde há divisão. Segundo Wesley, paz não é o silêncio das armas, mas o amor para com os inimigos. É o esforço da promoção da justiça em *habitats* desfavoráveis ou até hostis a isso. Novas relações baseadas na busca da paz e da justiça fazem-nos reler a história de ódio, orgulho e discriminação, reescrevendo as bases dos nossos relacionamentos para possibilitar novas histórias. É a atitude da mão estendida, mesmo quando não correspondida de imediato. É o novo na criação velha. Neste sentido, são muitas igrejas metodistas, como a Igreja Metodista do Brasil, igrejas criadoras do movimento ecumênico, como movimento de igrejas cristãs. Como todas as relações, as relações entre igrejas cristãs precisam de contínuos cuidados para que sejam amadurecidas. Tanto acusações de imperfeição (a outra é considerada ruim demais para se relacionar com ela) como a desistência da busca do aperfeiçoamento dessas relações (ninguém desafia ninguém e todos se ausentam de qualquer crítica do outro) interrompem o processo de renovação ecumênica.

Finalmente, chegamos ao tema da ecologia. Para a teologia wesleyana, a ecologia não é somente um aspecto da ética. Ela relaciona a vida dos seres humanos e dos outros seres vivos com o estado da criação não viva (limpeza de água, terra, ar etc.). A consciência ecológica é muito mais uma consciência de interdependência, de correlação e coresponsabilidade (quanto ao ser humano). A atuação do ser humano, quando olha somente para o seu umbigo (ou “encurvado em si” = descrição do pecado segundo Martim Lutero), levou e continua levando a um extermínio de milhares de seres vivos e a uma devastadora poluição da criação. O ser humano, em vez de ser jardineiro, tornou-se a ameaça número um da criação e de si mesmo.

#### **4.4 Ponderações eclesiológicas**

Na tradição wesleyana, a nova criação e a reforma da nação são relacionadas com a reforma da própria igreja. Meeks, por exemplo, desafia os/as teólogos/as a não desistirem da Igreja. Segundo ele, a teologia wesleyana trabalha com a compreensão da igreja, com um espaço privilegiado para a antecipação do Reino de Deus. A graça,

porém, como graça preveniente, iria sempre além dos limites da própria igreja. Segundo a nossa compreensão, faz parte da mesma tradição a resistência contra a tentação de idolatrar a igreja e colocá-la num pedestal para não entendê-la e a seus representantes, suas estruturas ou programas, assim, em última instância, como inquestionável (e assim irresponsável no sentido original da palavra).

Assim parece-nos importante, para o momento das Igrejas Metodistas da América Latina, que os/as teólogos/as se dediquem mais às suas igrejas, explorando o seu papel, numa teologia sustentável. A igreja é, de certo modo, prova ou antiprova da sustentabilidade da nossa teologia, das nossas ideias, das nossas utopias, não como sentido em si, mas como meio da graça com sentido além de si.

A reforma da igreja, numa perspectiva da teologia sustentável, relaciona a *oikonomia theou* tanto com a economia eclesiástica no sentido da administração dos meios da graça (forma aberta ou fechada da Santa Ceia), como no sentido do seu uso dos recursos financeiros (teologia de décimo “legalista” ou “evangélica), ou recursos humanos (relações autoritárias ou fraternais). Aqui entra também a questão da “democratização da igreja” no sentido da mútua responsabilidade (e quanto a IM a sua compreensão da conexidade), visando ao todo sem negar o particular e sempre vendo o conjunto, o contexto maior. Isso nos lembra da ambiguidade do termo “sustentabilidade”. Depende da preferência para um olhar mais econômico ou mais ecológico. Segundo a nossa intuição, a economia não deveria ser algo como semiautonomia em relação ao social ou ao ecológico que nos leva a uma compreensão da sustentabilidade integrada. Para as instituições metodistas, vale o que dissemos a respeito da Igreja: sustentabilidade precisa ser vista na perspectiva maior e além da questão da garantia do autossustento. O uso racional e biodegradável de todos recursos necessários para a manutenção e expansão tanto das instituições eclesiásticas e educacionais, entretanto, continua sendo assunto central.

A reforma da igreja, numa perspectiva da teologia sustentável, na perspectiva da *oikonomia theou*, não se limita às fronteiras da família, da igreja local, da confissão, da religião. Ela pensa no horizonte da humanidade. O amor para com a humanidade é um tema contínuo em Wesley e sua compreensão da santidade.<sup>39</sup> Sua crítica da mística solitária

---

<sup>39</sup> Cf. RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: a salvação social em John Wesley*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2010, p. 257-258.

e sua proposta da mística do seguimento ou imitação de Cristo, sua visão do mundo como a sua paróquia, tudo converge nesta direção. Nesta visão tem seu lugar o ecumenismo no sentido mais religioso, seja na sua forma eclesiástica (microecumenismo ou na relação entre igrejas cristãs) ou mais ampla (macroecumenismo ou a relação entre as religiões).

Mas, a reforma da igreja, numa perspectiva da teologia sustentável e da *oikonomia theou*, precisa avançar ainda mais. A humanidade como referência principal ainda continua sendo o pesadelo da criação. A criação, ainda abaixo do universalismo humano fechado, geme à espera da ação dos filhos e das filhas de Deus, ou seja, seres humanos orientados pela lógica e prática da *oikonomia theou*. Isso é, orientados pela graça, pelo compromisso (obras), pelo interesse no verdadeiro funcionamento e entrelaçamento das coisas (educação), das consequências reais do nosso silêncio e das nossas ações (ética).

### **Considerações intermediárias**

A teologia wesleyana, pela sua herança anglicana, nunca perdeu plenamente o contato com o tema da criação, mas foi nas décadas de 1970 e de 1980 que Cobb, Runyon e Meeks retomaram a conversa e investigaram o seu potencial. A teologia wesleyana brasileira oferece, com a introdução do elemento da criação no método teológico do quadrilátero, um próximo passo adiante pela sua vinculação sem exceção entre a *teologia*, a *ecologia* e a *antropologia*.

Quanto à Igreja, parece-nos importante lembrar o papel dela, tanto para dentro de si como para fora de si mesma, como espaço sustentável, reinado por justiça, em relação à sustentabilidade ecológica, ecumênica e econômica. Indicamos que o aspecto da sustentabilidade envolve o aspecto da viabilidade econômica, não como critério único, nem como critério máximo, mas como indicador de possíveis limitações do discurso *ecológico* wesleyano, tanto nas suas igrejas como nas suas instituições de ensino. Insistimos, mesmo assim, na percepção de que pode se tornar caro e insustentável no prazo médio ou até no curto prazo.

Na conceituação da terra como gaia, solicita-se certa sensibilidade. A transição de conceitos de uma área do saber para a outra, às vezes, traz consigo efeitos colaterais indesejáveis. Fizemos uma incursão maior em relação à descrição da terra como geia, favorecendo uma descrição como sacramento e alertando que uma teologia da divinização não é adequada para nossa compreensão da sustentabilidade na base de uma teologia

relacional. Abre-se aqui um amplo campo para futuras pesquisas em relação à descrição da terra como “mãe”, tema profundamente enraizado nas culturas andinas ou no *paneinteísmo* de Jürgen Moltmann, ao debate entre a *analogia entis* e a *analogia fides*, etc. Entendemos que a interpretação das três esferas da economia, do social e do meio ambiente, sua vez deveria ser lida na perspectiva da primazia da graça.

Finalmente, faz parte dessas reflexões mais teológico-sistemáticas o amplo tema da ética. O ser humano como ecônomo, a Igreja como parte da economia do Deus trino precisam reencontrar seu lugar na criação, superar antropocentrismos e androcentrismos e construir-se como Igreja sustentável e promotora da sustentabilidade maior. Isso requer uma revisão da sua existência ecumênica, não somente no sentido confessional, nem somente cristão, mas como parte das religiões de toda humanidade como voz profética, com coração aberto, mente aberta e porta aberta.

## Referências

- SANTA ANA, Julio de (Ed.). *Sustainability and Globalization*: World Council of Churches. Geneva: WCC Publications, 1998.
- ANDRADE, Maristela O.; FERREIRA, Rogério dos Santos. A sacralidade da natureza no pensamento ecológico: reflexos na gestão das unidades de conservação – UCs1. In: *Gaia Scientia*, v. 1, n. 1, p. 85-94, maio 2007.
- BAKKEN, Peter W.; ENGEL, J. Ronald. *Ecology, justice, and Christian faith: a critical guide to the literature*. Santa Barbara, CA: Greenwood Press, 1995.
- BERRY, Thomas. *The Dream of the Earth*. San Francisco: Sierra Club, 1988.
- BIRCH, Charles; COBB JR. John B. *The liberation of life: from the cell to the community*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- BOFF, Leonard. *Desenvolvimento (in)sustentável?* Disponível em: <[http://www.rebea.org.br/teste/vnoticias.php?cod=87012/2/2008 22:49:53](http://www.rebea.org.br/teste/vnoticias.php?cod=87012/2/2008%2022:49:53)>.
- CASTRO, Clovis Pinto de. “Igreja evangelizando a Escola? Escola educando a Igreja?” In: *Revista de Educação do Cogeime*, ano 14, n. 27, p. 75-96, dez. 2005.
- CLIFFORD, Anne M. From ecological lament to sustainable *oikos*. In: BERRY, Sam (Ed.). *Environmental stewardship critical perspectives – past and present*. London/New York: T & T Clark (Continuum International), 2006. p. 247-252.
- COBB JR., John B. *Is it too late? A theology of ecology*. Beverly Hills, Calif.: Bruce, 1972.

- DEVAL, Bill; SESSION, George. *Deep Ecology*. Salt Lake City, Utah: Peregrine Smith, 1985.
- ELDER, Frederick. *Crisis in Eden: a religious study of man and environment*. Nashville: Abingdon, 1970.
- FAHY, Frances; Ó CINNÉIDE, Micheál. Re-constructing the urban landscape through community mapping: an attractive prospect for sustainability? In: *Area*, v. 41, n. 2, p. 167-175, 2009.
- FRENCH, William C. Subject-centered and creation-centered paradigms in recent Catholic thought. In: *The Journal of Religion*, v. 70, n. 1, p. 48-72, jan. 1990. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1203683>>. Acesso em: 2 jun. 2009.
- GRINNELL, George J. Heaven and earth reconciled: the common vision of renaissance art and science. In: *Leonardo*, v. 21, n. 2, p. 195-199, 1988.
- HALL, Steven. Toward a theology of sustainable agriculture. In: *Perspectives on Science & Christian Faith*, The Journal of the American Scientific Affiliation, v. 54, n. 2, p. 1-5, jun. 2002. Disponível em: <[www.asa3.org/asa/PSCF/2002/PSCF6-02Hall.pdf](http://www.asa3.org/asa/PSCF/2002/PSCF6-02Hall.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2009.
- HAUGHTON, G. Environmental justice and the sustainable city. In: *Journal of Planning Education and Research*, v. 18, n. 3, p. 233-243, 1999. DOI: 10.1177/0739456x9901800305.
- IGREJA METODISTA DO BRASIL/RENDERS, Helmut. Um precursor do Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista na época da autonomia: A declaração. A Atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação, de 1934. In: *Caminhando*, v. 12, n. 20, p. 167-176, jul./dez. 2007.
- JENKINS, Willis. *Ecologies of grace*. New York, NY: Oxford University Press, 2008. xi, 363p.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *The encyclopedia of sustainability*, v. 2: The Spirit of Sustainability: Religion, Ethics, and Philosophy. Berkshire Publishers, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). Global ethics, Christian theology, and sustainability. In: *Worldviews: Global Religions, Culture, and Ecology*, v. 12, n. 2-3, p. 197-217, 2008.
- JONAS, Hans. *Das Prinzip Verantwortung*. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation. 4. ed. Frankfurt am Main: Insel-Verlag, 1983. [1. ed. 1979]
- KAUFMAN, Gordon D. A problem for theology: the concept of nature. In: *Harvard Theological Review*, v. 65, p. 337-366, 1972.
- KEIRSTEAD, James; LEACH, Matt. Bridging the gaps between theory and practice: a service niche approach to urban sustainability Indicators. In: *Sustainable Development*, v. 16, p. 329-340, 2008.

KELLER, Catherine. The lost fragrance: Protestantism and the nature of what matters. In: *Journal of the American Academy of Religion*, v. 65, n. 2, p. 355-370, verão 1997.

LITTIG, Beate (Ed.). *Religion und Nachhaltigkeit: Multidisziplinäre Zugänge und Sichtweisen*. Münster, Hamburg, Berlin, Wien, London: Litt-Verlag, 2004. 352p.

LOVELOCK, James E.; MARGULIS, Lynn. Atmospheric homeostasis by and for the biosphere – The Gaia hypothesis. In: *Tellus*, v. 26, n. 1, p. 2-10, 1974.

MEEKS, M. Douglas. *God the economist: the doctrine of god and political economy*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

MUDGE, Lewis S.; WIESER, Thomas (Eds.). *Democratic contracts for sustainable and caring societies: what can churches and Christian communities do?* Geneva: WCC, 2000.

Radical Abundance: A Theology of Sustainability. Disponível em: <[http://ilp-www.mit.edu/display\\_event.a4d?eventId=4567](http://ilp-www.mit.edu/display_event.a4d?eventId=4567)>. Acesso em: 10 jun. 2009.

NAESS, Arne. “The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary”. In: *Inquiry*, v. 16, p. 95-100, primavera 1973.

NACIONAL COUNCIL OF CHRISTIAN CHURCHES, EUA/RENDERS, Helmut. Um Credo Social para o século XXI: a mais recente versão do Credo Social estadunidense como inspiração para a atualização do Credo Social brasileiro. *Caminhando* [online], v. 15, p. 176-180, mar. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/1590/1875>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

NELSON, Robert H. Sustainability, Efficiency, and God: Economic Values and the Sustainability Debate. In: *Annual Review of Ecology and Systematics*, v. 26, p. 135-154, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2097202>>. Acesso em: 5 ago. 2009.

RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: a salvação social em John Wesley*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2010.

\_\_\_\_\_. A nova criação como tema transversal da teologia Wesleyana. *Guia de Estudo do EAD*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2009. p. 75-78.

\_\_\_\_\_. 75 anos do Credo Social brasileiro: uma investigação da interação entre igreja e esfera pública. In: *Simpósio*, ano 33, n. 49, p. 43-65, nov. 2009.

REIS, Oliver. *Nachhaltigkeit-Ethik-Theologie: Eine theologische Beobachtung der Nachhaltigkeitsdebatte*. Münster, Hamburg, Berlin, Wien, London: Litt-Verlag: 2004. [Coletânea: *Forum Religion & Sozialkultur - Abt. A: Religions- und Kirchensoziologische Texte*; v. 8] 552p.

REIMERS, Haraldo. Sustentabilidade e cuidado. Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano 3, n. 18, p. 85-95 [2009?].

RUETHER, Rosemary Radford. Religious identity and openness to a pluralistic world: a Christian view. In: *Buddhist-Christian Studies*, v. 25, p. 29-40, 2005.

RUNYON, Theodore. *A nova criação: teologia de João Wesley hoje*. Tradução de Cristina Paixão Lopes. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

\_\_\_\_\_. The earth as the original sacrament. In: *Theologie für die Praxis*, v. 31, n. 1-2, p. 17-22, 2006.

S.A. Nested Sustainability. *Conrell Sustainability Campus apud Wikipedia*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/File:Nested\\_sustainability-v2.gif](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Nested_sustainability-v2.gif)>. Acesso em: 10 out. 2009.

SERRES, M. *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 142p.

SMITH, Jonathan Z. Earth and Gods. In: *The Journal of Religion*, v. 49, n. 2, p. 103-127, abr. 1969.

SUSIN, Luiz Carlos. Mãe Terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano 2, n. 17, p. 35-46 maio/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/plugins/download-monitor/download.php?id=176>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

UNIVERSIDADE DE MICHIGAN. Sustainability Assessment. In: *Sustainability Spheres*. Página: Gemzies. Disponível em: <[http://sustainability.gemzies.com/show/entry\\_9103/Sustainability\\_Spheres.html](http://sustainability.gemzies.com/show/entry_9103/Sustainability_Spheres.html)>. Acesso em: 10 out. 2009.

WCC (Ed.). *Climate Change and the quest for Sustainable Societies*, Geneva, 1998.

\_\_\_\_\_. (Ed). *Mobility. Prospects of sustainable mobility*. Geneva, 1998.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Sustainable growth – a contradiction in terms? Economy, ecology and ethics after the earth summit*. Geneva, 1993.